



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**LETÍCIA OLIVEIRA PENA**

**Ensino de História no Museu do Catetinho: uma visita para além da “história oficial”**

**Brasília, fevereiro de 2024**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**LETÍCIA OLIVEIRA PENA**

**Ensino de História no Museu do Catetinho: uma visita para além da “história oficial”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em História.

Orientadora: Prof. Dra. Cristiane de Assis Portela

**Brasília, fevereiro de 2024**

## **Resumo**

A história da construção do Catetinho, assim como a história da construção de Brasília, é cercada de “mitos” centrados na história de grandes acontecimentos e de grandes personagens, como Juscelino Kubitschek e os demais homens que compunham os primeiros anos da diretoria da Novacap. Há forte ênfase em uma “história oficial” dominante e hegemônica que tende a excluir e secundarizar outras identidades que também tiveram grande importância para o espaço. Tendo em vista que o Museu do Catetinho é um espaço aberto ao público e que recebe, anualmente, a visita de diversas escolas, este trabalho sugere estratégias para a utilização deste espaço para a prática de ensino de História e, mais precisamente, para a prática de ensino de História Local no âmbito do Distrito Federal. Por meio da análise de fontes históricas, este trabalho apresenta uma proposta didática que visa orientar professores e professoras na condução de suas turmas pelo Museu. É uma proposta que visa facilitar o trabalho docente ao sugerir um planejamento de visita ao Museu do Catetinho. Diante da proposta, busca-se combater o modelo de “história única”, trazendo à tona narrativas plurais sobre a história do Catetinho e enfatizando a memória de sujeitos históricos coletivos que tiveram grande contribuição para a construção do espaço.

**Palavras-chave:** Catetinho; Museu do Catetinho; Proposta didática; Brasília; Ensino de História; História Local.

## **Agradecimentos**

Sou grata a Deus por conduzir meus caminhos até a licenciatura e por me encorajar no sonho de me tornar professora de História.

Sou imensamente grata à minha mãe, Rozane, e ao meu pai, Luciano. Eles sempre investiram financeiramente nos meus estudos e abdicaram de muitas coisas para que eu pudesse ingressar em uma universidade pública. Também agradeço aos meus pais por todo o apoio prático durante os meus anos de graduação: ao meu pai por ter me buscado diversas vezes na UnB tarde da noite e por não ter medido esforços para me ajudar no que eu precisasse; e à minha mãe, por preparar minhas marmitas de almoço e por me acalmar nos inúmeros momentos em que eu achei que não seria capaz.

Também preciso agradecer ao meu irmão, Arthur, que nunca duvidou da minha capacidade de me tornar uma professora de História. Sempre acreditou no meu sonho e me incentivou a encarar essa jornada. Vibrou junto comigo e esteve de ouvidos abertos para escutar minhas ideias e até mesmo lamentações. Inclusive fico muito feliz por termos estado juntos na UnB nesses semestres finais.

Preciso também agradecer a um importante membro da família: minha cachorrinha, Filó. Sou grata pela sua existência e agradeço por ter feito com que eu conhecesse um dos amores mais puros que pude sentir até hoje.

Agradeço também ao meu namorado, Caio. Foi um grande companheiro e esteve comigo em diversos momentos da produção deste trabalho. Me incentivou, me enalteceu e acreditou que eu seria capaz de alcançar meus objetivos. Me forneceu carinho, atenção e grande apoio emocional, o que foi fundamental nesses últimos meses.

Por fim, gostaria também de agradecer a toda a equipe do Museu do Catetinho. Tive a experiência de atuar como estagiária no Museu desde 2022. Atuei na área educativa do Museu, o que foi muito importante na minha trajetória acadêmica e na escolha do tema deste artigo. Tenho um carinho enorme por todos os funcionários e fiz amizades que vão além do âmbito profissional. Gostaria de agradecer especialmente a Artani Pedrosa, gerente do Museu de 2019 a 2024, pela ajuda na minha pesquisa, pelos ensinamentos e pelo apoio nessa reta final da produção deste trabalho.

O Museu do Catetinho é um espaço mágico e foi quase minha segunda casa durante os últimos anos da minha trajetória acadêmica.



## Introdução

O Museu do Catetinho<sup>1</sup>, é um museu aberto à visitação, localizado no Distrito Federal. É um espaço que dispõe de expografia que remonta à época da construção de Brasília. O local conta com mobília, fotografias e aposentos, bem como roupas e alguns objetos que, de modo geral, pertenciam ao então Presidente da República, Juscelino Kubitschek.

Além do público espontâneo, o Museu do Catetinho é palco para o atendimento de grupos escolares. Segundo dados<sup>2</sup> do próprio Museu, em 2023, o Catetinho contou com cerca de 35.101 visitantes, dos quais, 10.069 correspondem ao público escolar. Dessa quantidade, cerca de 37% diz respeito às escolas privadas e 62% às escolas da rede pública. Também em 2023, houve o atendimento de 145 turmas do Ensino Fundamental I, 26 do Ensino Fundamental II e 36 do Ensino Médio.

Nesse contexto, este artigo tem por objetivo propor um planejamento de visitação ao Museu do Catetinho sob a ótica do Ensino de História. Trata-se de um material de apoio para orientar professores e professoras na condução de seus grupos escolares no Museu. Sob a perspectiva didática, espera-se também contribuir, no âmbito da Educação Básica, para a prática de ensino de História Local.

Tendo em vista que a proporção de atendimentos voltados às escolas públicas é quase o dobro dos atendimentos das escolas privadas<sup>3</sup> e que o índice de atendimentos é maior para as turmas de Ensino Fundamental I, sugere-se que este material tenha como objetivo a condução deste público. Além disso, uma vez que o Museu do Catetinho se localiza no Distrito Federal (DF), este projeto se orienta no Currículo em Movimento do Distrito Federal (2018)<sup>4</sup>, documento que rege o currículo da educação básica da Secretaria de Estado de Educação do DF (SEEDF). No Currículo (2018) é possível

---

<sup>1</sup>GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Museu do Catetinho**, 2022. Disponível em: <<https://www.df.gov.br/museu-do-catetinho-2/>>. Acesso em: 04 jan. 2024.

<sup>2</sup> Dados do Relatório Anual de visitação. Os dados sobre o público do Museu do Catetinho são coletados do livro de visitantes, que é assinado pela comunidade no início de cada visita. Os dados atendem às demandas internas da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF). Os dados do Relatório são internos, meu acesso foi possível pois atuo como estagiária no Museu desde 2022 e uma das minhas funções é justamente contabilizar os dados de visitação das escolas atendidas. Embora o Relatório não seja acessível ao público, os livros de visitantes são.

<sup>3</sup> Tendo como base os dados do ano de 2023.

<sup>4</sup> DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do DF. **Currículo em Movimento do Distrito Federal - Ensino Fundamental: Anos Iniciais – Anos Finais**. 2. ed. Brasília, 2018.

encontrar objetivos e conteúdos que tratam sobre a História de Brasília e que são voltados ao Ensino Fundamental (Anos Iniciais), em especial, às turmas de 4º ano.

É válido destacar que, para além das ideias de senso comum que, recorrentemente, orientam as narrativas sobre a história de Brasília, assim como do Catetinho, este artigo parte da possibilidade de ressaltar perspectivas não-hegemônicas e que destaquem a história de personagens que são, muitas vezes, secundarizados e excluídos da historiografia tradicional sobre a construção de Brasília. Sugere-se, portanto, combater a lógica de uma história única, ressaltando, então, perspectivas amplas e plurais sobre a história da nova capital.

Assim, o propósito é que, na disciplina de História, os estudantes acessem conhecimentos que transcendam a ênfase na perspectiva personalista que tem Juscelino Kubitschek como herói nacional e que valoriza unicamente um panteão de heróis da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Ernesto Silva, Israel Pinheiro, Bernardo Sayão e Íris Meinberg.

O Museu do Catetinho é caracterizado como um museu-casa<sup>5</sup>. Museus-casa tratam, por meio de uma perspectiva mais intimista, sobre as memórias de um determinado personagem que vivia no determinado espaço<sup>6</sup>. Em museus-casa, é comum encontrar aposentos, móveis, utensílios, objetos decorativos e até mesmo vestimentas que espelham a personalidade dos habitantes do local<sup>7</sup>. Assim, uma vez que o Museu do Catetinho é um museu-casa<sup>8</sup>, é natural que o espaço projete, por definição, a memória de um personagem principal, no caso, JK, e do grupo social relacionado a ele, a exemplo dos membros da Novacap. Neste artigo, a proposta é ir além dessa perspectiva personalista e explorar outras histórias possíveis que fazem relação com o espaço, como, por exemplo, a história do Quilombo Mesquita, que será aprofundado mais adiante neste artigo.

---

<sup>5</sup> PEDROSA, Artani. **Noite estrelada no Palácio de Tábuas: vivências e partilhas com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Museu do Catetinho**, Relatório Técnico (Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2023, p. 89-102.

<sup>6</sup> Martins Afonso, M.; Primon Serres, J. **Casa-museu, Museu-casa, Casa histórica: um lugar de memórias**. In Revista Semestral, 2016. Um museu-casa expõe a memória de um personagem principal, bem como do grupo social e dos objetos domésticos e aposentos vinculados a ele. O espaço se encontra relacionado ao seu proprietário e às pessoas que ali viveram. Um museu-casa enfatiza a lembrança de seus antigos habitantes.

<sup>7</sup>Ibid., p. 40-45.

<sup>8</sup> PEDROSA, op.cit., p. 18.

Sendo assim, acredita-se que a experiência compreenda três etapas distintas, mas que se articulem fortemente: um primeiro momento, em sala de aula, que seja capaz de despertar e de preparar os estudantes às noções introdutórias sobre o Catetinho, mesmo antes da chegada ao local; segundo, a realização da visita ao Museu do Catetinho, seguindo o proposto no planejamento e partindo de uma ótica não convencional sobre a história do espaço e; terceiro, ao retornar para a sala de aula, a realização de atividades práticas com base nas vivências tidas no Museu.

Portanto, este artigo é uma proposta didática que sugere o uso do Museu do Catetinho no ensino de História e que visa orientar o caminho pelo qual os professores e professoras possam seguir ao conduzirem suas turmas pelo Museu.

### **O Museu do Catetinho**

A história da construção do Catetinho possui estreita relação com a história da construção de Brasília, uma vez que, recorrentemente, refere-se ao Catetinho como a primeira edificação oficial construída na região do Planalto Central com o intuito de se transferir a capital<sup>9</sup>. Denominado originalmente de Residência Presidencial 1 (RP-1), o Catetinho foi a primeira residência presidencial construída no território da nova capital, fazendo, então, parte do núcleo pioneiro da construção de Brasília.

Foi uma edificação construída com a finalidade de ser um local de apoio para o Presidente Juscelino Kubitschek e para os membros da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) durante as obras da construção de Brasília<sup>10</sup>. É uma construção de madeira simples, erguida em 1956 e construída em apenas dez dias. Embora alguns membros diretores da Novacap tenham chegado a morar provisoriamente no Catetinho, não foi o caso de JK. O espaço não serviu como moradia para o Presidente. Para JK, o Catetinho foi um local de abrigo, repouso e trabalho.

O local já hospedou personalidades ilustres, como políticos, prefeitos e jornalistas, e foi, para JK e sua equipe, palco de reuniões e de decisões importantes que conduziram os rumos nos primeiros anos de construção de Brasília.

---

<sup>9</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário do Catetinho**, volume 1. Relatórios. Brasília, 2017, p. 25-30.

<sup>10</sup> Ibid., p. 25-28.

O Catetinho foi construído dentro da área de uma relevante fazenda da época, a então Fazenda Gama, e foi frequentemente utilizado até a inauguração do Palácio da Alvorada e do Brasília Palace Hotel, ambos em 1958<sup>11</sup>. Foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e, por isso, dispõe de traços arquitetônicos modernistas, como os tradicionais pilotis<sup>12</sup>. Até então, a capital residia no Rio de Janeiro, o que explica o nome “Catetinho”, que faz referência ao Palácio do Catete, sede presidencial no RJ.

Embora sejam escassas as informações sobre o processo de musealização<sup>13</sup> do Catetinho, sabe-se que a edificação foi tombada em 1959 como Patrimônio Histórico Nacional, no livro do Tombo Histórico, pela então Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN). Sendo assim, a partir de 1959, o espaço, aberto ao público, passou a contar com exposições, perdendo sua função de residência presidencial<sup>14</sup>. A partir de então é possível falar sobre o Catetinho enquanto Museu.

Figura 1: Museu do Catetinho



Fonte: Letícia Pena, 2024.

O Museu do Catetinho dispõe de duas estruturas: o edifício principal (localizado no piso superior) e o anexo (no piso térreo). No anexo é possível encontrar aposentos que serviam de apoio para o edifício principal, como salas de depósitos, lavanderia, banheiro, bem como a cozinha. Há uma escada que liga o anexo ao edifício principal,

---

<sup>11</sup> Ibid., p. 25-59.

<sup>12</sup> Ibid., p. 33-42.

<sup>13</sup> PEDROSA, Artani. **Noite estrelada no Palácio de Tábuas: vivências e partilhas com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Museu do Catetinho**, Relatório Técnico (Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2023, p; 78-77.

<sup>14</sup> Ibid., p. 52.

que é onde se encontram os aposentos e demais cômodos. Lá é possível encontrar seis quartos, banheiros, uma sala de despachos (escritório) e um bar<sup>15</sup>.

A história do Catetinho que é comumente contada faz, repetidamente, referência a indivíduos que compunham o panteão dos primeiros membros diretores da Novacap, como Israel Pinheiro, presidente da Novacap e primeiro prefeito de Brasília; e demais os diretores, Bernardo Sayão, Ernesto Silva e Íris Meinberg. Assim, a primeira suíte do Palácio de Tábuas era reservada para o Presidente JK, ao passo que os demais quartos eram utilizados, de modo geral, pelos diretores da Novacap, bem como pelos assessores do próprio governo<sup>16</sup>. Dessa forma, é inegável a importância de tais personalidades para a história da construção do Catetinho e, logo, para a história da construção de Brasília.

Apesar da importância, percebe-se a formulação de uma narrativa bastante linear e homogênea no que diz respeito à participação dessas figuras no erguer da nova capital. Grande parte dos membros da diretoria da Novacap eram homens brancos oriundos da região sudeste e que são homenageados, muitas vezes, por, supostamente, terem sido os desbravadores do vazio do Planalto Central. Tais personalidades são celebradas sob a ótica do progresso, do desenvolvimento e da modernidade.

Há, portanto, a construção de uma “história oficial” que evidencia o Presidente JK como um herói nacional e que o reverencia por ter sido o “fundador”, que cercado pelos seus companheiros da Novacap, foi capaz de realizar o inimaginável. O próprio fato de o Catetinho ter sido espaço de hospedagem para personalidades ilustres, como políticos e prefeitos já demonstra as diversas perspectivas de viés hegemônico que circundam o espaço.

Com isso, entende-se que a história do Catetinho foi construída de forma bastante seletiva ao criar, de forma intencional, “mitos” e versões da história que serviram para silenciar e suprimir diversos conflitos e identidades ao longo do tempo. Houve o fortalecimento de uma história heroicizada, com a valorização de personagens tidos como “épicos”, ilustres e pioneiros. Diante disso, cabe questionar: quais outras identidades se encontram secundarizadas e excluídas dessa “história oficial”?

Muito além de questionar a relevância de JK e dos primeiros membros diretores da Novacap para o espaço, a questão central a ser levantada é: como é possível pensar a

---

<sup>15</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário do Catetinho**, volume 1. Relatórios. Brasília, 2017, p. 104.

<sup>16</sup> PEDROSA, Artani. **Catetinho: a flama inspiradora**. Programa de Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, Universidade Estadual de Goiás (UEG). Goiás, 2023. p. 53.

história do Catetinho partindo de perspectivas contra-hegemônicas? Logo, sob a ótica do ensino de História, de que forma é possível que docentes conduzam seus grupos escolares no Museu do Catetinho enfatizando perspectivas não convencionais sobre o espaço? Uma vez que se acredita que os museus são uma importante ferramenta na construção de conhecimentos, o objetivo é destacar o sentido educacional da visita ao espaço, conectando, então, o Museu do Catetinho ao ensino de História.

### **Aprender sobre a história local**

Consideramos que o ensino de História deve ser estabelecido com base na problematização de narrativas históricas, e nesse sentido, torna-se necessário que a função didática dos museus seja cada vez mais explorada. É papel dos docentes ampliar as possibilidades de ensino, seja dentro ou fora de sala de aula. Não se produz conhecimento só por meio dos livros, dos cadernos e do quadro. Segundo Pacheco e Silva (2021)<sup>17</sup>, “levar a turma para o museu é uma das possibilidades que o(a) docente tem para promover a descoberta de novas fontes e novos olhares para um determinado fato” (SILVA; PACHECO, 2021, p. 4). Logo, acreditamos que o ensino e a aprendizagem de História são capazes de ir muito além dos muros da escola.

Nesse cenário, torna-se fundamental incluir o ensino de História Local no âmbito da Educação Básica. Uma vez que os estudantes são sujeitos históricos capazes de atuar como agentes transformadores do contexto social em que estão inseridos, é de suma importância que acessem conhecimentos sobre a localidade onde habitam<sup>18</sup>. Tratar sobre História Local é também ampliar nos estudantes a consciência histórica e a capacidade de problematização e de reflexão sobre a realidade que os cercam.

Assim, a fim de que os estudantes conheçam a história do Distrito Federal, é preciso fortalecer a memória e as identidades locais. Na história local sobre o DF, quais memórias vêm sendo preservadas? Quais memórias vem sendo apagadas? Este trabalho não sugere um ensino de História que tenha como norte a valorização de grandes datas, acontecimentos, nomes e marcos. Uma vez que é papel da escola permitir com que os estudantes se reconheçam na história da construção de Brasília, sugere-se, portanto,

---

<sup>17</sup> SILVA, G.; PACHECO, R. **O uso do museu no ensino escolar de História**. Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v.7, n.1, 2021.

<sup>18</sup> RIBEIRO, Jackson dos Santos. **O ensino de história local na sala de aula: fontes, objetos e metodologias**. Ponta Grossa, Editora Atena, 2021.

tratar sobre os sujeitos coletivos que tiveram grande participação na história da cidade, mas que são, por vezes, invisibilizados nas narrativas hegemônicas.

É importante ressaltar que o aprendizado sobre História Local não se restringe, a nível micro, somente à história de Brasília. Conhecer sobre História Local possibilita também aos estudantes a formação de conhecimentos sobre o mundo. Conforme atesta Helder Macedo (2017), podemos concluir que, “em outras palavras, conhecer a História Local é um dos pré-requisitos para se compreender melhor os processos históricos em nível regional, nacional e global” (MACEDO, 2017, p. 61)<sup>19</sup>.

### **Museu do Catetinho sob a ótica da construção de narrativas plurais**

Gramsci (1999) nos alerta sobre os perigos da valorização de perspectivas “hegemônicas” e dominantes. Segundo o autor, torna-se necessário romper com as amarras que são estabelecidas pela lógica da dominância, uma vez que a mesma é capaz de situar indivíduos em condição de subalternidade e de estabelecer desigualdades e abismos nas relações sociais<sup>20</sup>. Torna-se necessário, portanto, se contrapor à hegemonia, dando espaço a perspectivas plurais e democráticas que visem romper com as contradições entre as classes: é incabível que um grupo social exerça domínio e prevaleça intelectualmente sobre os demais.

Conduzir a visita ao Museu de modo a enfatizar personalidades que são recorrentemente secundarizadas é uma forma de combater as perspectivas de teor hegemônico que circundam a história do Catetinho. Além disso, acredita-se que utilizar a visita aos museus como ferramenta educativa é uma forma de contribuir para a democratização do acesso ao conhecimento e para ampliar as possibilidades de explorar a prática de ensino de História.

Entende-se que os museus são espaços educativos. São locais que abrigam história e memória por meio da exposição de objetos, documentos, fotografias e painéis expográficos. Com base em Jacques Le Goff (1990), é possível compreender que o

---

<sup>19</sup> MACEDO, Helder. **De como se constrói uma História Local: aspectos da produção e da utilização no ensino de História**. In: ALVEAL, C.; FAGUNDES, J.; ROCHA, R. Reflexões sobre história local e produção de material didático. Natal: EDUFERN, 2017.

<sup>20</sup> GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, 6 vols. Edição de Carlos Nelson Coutinho, com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999-2002.

processo de manutenção da memória não é um processo isento de intenções e de interferências<sup>21</sup>, pois assim como há memórias que se pretende preservar, há também memórias que se pretende, intencionalmente, esquecer. Logo, até mesmo os silêncios da história são reveladores e são capazes de manipular e de formular cenários que são, por vezes, tidos como hegemônicos. Dito isso, nota-se que a memória é, então, um potente instrumento de poder.

Na história do Catetinho, quais memórias se pretende preservar? A escolha entre o que deve ser preservado ou não como patrimônio exprime um campo repleto de debates e conflitos. A valorização da narrativa de grupos dominantes pode ocasionar impasses diante daqueles que se sentem excluídos e silenciados. Assim, acredita-se que a produção deste material seja primordial na tentativa de preservar a memória de identidades que foram acometidas pelo esquecimento e de propor o ensino de História Local por meio de vieses não hegemônicos.

Nesse cenário, enfatiza-se a necessidade de tecer contranarrativas às narrativas oficiais que são formuladas sobre a história do Catetinho. Cabe, portanto, trazer à tona outros recortes e outras perspectivas que possibilitem o estabelecimento de memórias mais plurais e horizontais para que, no lugar das “histórias oficiais”, seja possível, então, construir uma “história a contrapelo”, como propõe Walter Benjamin (1994)<sup>22</sup>. É por isso que o status de “herói fundador” atribuído à JK e o título de “vencedores” comumente atribuído aos homens do panteão de diretores da Novacap não podem ser encaixados como únicos e totais na memória local. É necessário ir além da “história dos vencedores”<sup>23</sup> e enfatizar a “história não-oficial”, dando destaque à identidades secundarizadas nas narrativas que se tornaram hegemônicas.

Torna-se necessário também estar atento aos “perigos de uma história única”, expressão popularizada com Chimamanda Adichie (2019)<sup>24</sup>. Com base na autora, uma representação única da história é problemática e deve ser superada, uma vez que é capaz de formular narrativas generalizantes e até mesmo estereotipadas sobre os fatos.<sup>25</sup> Enfatizar uma história única e totalizante é também reforçar uma lógica hegemônica

---

<sup>21</sup> LE GOFF, J. **História e Memória**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

<sup>22</sup> BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

<sup>23</sup> *Ibid.*, 1994a., p. 222-231.

<sup>24</sup> ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 21-33.



sobre a história. O Catetinho, no caso, dispõe de uma pluralidade de histórias, de contribuições e de participações, não sendo cabível, portanto, reforçar no Museu um discurso universal.

É necessário estar atento para que até mesmo o ensino sobre a própria história de Brasília não reproduza perspectivas de caráter hegemônico. Para Circe Bittencourt (2011), a “história local pode simplesmente reproduzir a história do poder local e das classes dominantes, caso se limite a fazer os alunos conhecerem nomes e personagens políticos de outras épocas, destacando a vida e obra de antigos prefeitos e autoridades” (BITTENCOURT, 2008, p. 169)<sup>26</sup>. Para a prática de ensino de História Local, sugere-se ir além dos grandes nomes e dos grandes acontecimentos e mitos. Sugere-se a ênfase nas “pessoas comuns” e aos sujeitos coletivos, o que é capaz de proporcionar aos estudantes um viés de pertencimento e de identificação.

Felizmente, percebe-se que a atual exposição do Museu do Catetinho, “Catetinho, a flama inspiradora”<sup>27</sup>, de idealização de Artani Pedrosa e que se encontra instalada desde abril de 2022, vai ao encontro da tentativa de ampliar perspectivas e de contribuir com a produção de “contranarrativas”, mas sem fazer com que o espaço perca a característica de museu-casa. Como dissemos anteriormente, sendo um museu-casa, JK ainda é tratado como personagem principal<sup>28</sup>.

Ao visitarem o Palácio de Tábuas, os estudantes têm a oportunidade de acessar os espaços pessoais que abrigavam o Presidente, os diretores da Novacap e os demais convidados ilustres que frequentaram a região nos primeiros momentos da idealização da nova capital<sup>29</sup>, assim como, simultaneamente, têm a oportunidade de visualizar painéis, textos e fotografias que destacam, por exemplo, informações sobre os operários, as cozinheiras e as comunidades tradicionais.

É por isso que, enfatizando a função educativa do Museu, este material será formulado tendo como base os painéis expográficos que são apresentados na exposição

---

<sup>26</sup> BITTENCOURT, Circe. Ensino de história: fundamentos e métodos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 169.

<sup>27</sup> PEDROSA, Artani. **Noite estrelada no Palácio de Tábuas: vivências e partilhas com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Museu do Catetinho**, Relatório Técnico (Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2023, p. 113.

<sup>28</sup> Ibid., p. 113.

<sup>29</sup> Ibid., p. 116.

“Catetinho, a flama inspiradora”, pois acredita-se que ela é capaz de representar de forma mais plural a história do espaço.

## **Metodologia**

É de suma importância que os conteúdos tratados na visita ao Museu do Catetinho estejam vinculados ao que é proposto pelo Currículo em Movimento do Distrito Federal (2018)<sup>30</sup>. O Currículo (2018) prevê, no âmbito do Ensino Fundamental I, para o 4º ano, na disciplina de História, o objetivo de aprendizagem:

“Identificar atores que contribuíram com a idealização de Brasília por meio de várias linguagens, principalmente aqueles invisibilizados pela historiografia, utilizando referências fílmicas, literárias e outras disponíveis em vários acervos de museus no DF” (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 282).

Diante deste objetivo, espera-se que os estudantes sejam levados a compreender duas ideias principais. Primeiro, a ideia de que o Planalto Central já era um território habitado mesmo antes da transferência da capital e, assim, desconstruir a ideia do “mito fundador” que coloca JK como o desbravador de um grande “sertão” vazio. Segundo, a ideia de que para além de JK e dos membros do panteão de homens brancos dos primeiros anos da diretoria da Novacap, outros sujeitos, como os quilombolas do Quilombo Mesquita, também tiveram significativa participação na construção do Catetinho. É necessário também identificar como ocorreu essa participação e inclusive indicar quilombolas que tiveram destaque na sua atuação.

Para isso, este trabalho utiliza como metodologia a análise de fontes históricas, como mapas, fotografias, recortes de jornais, entre outros. Sugere-se tal atividade, pois compreendemos que a análise de fontes históricas é ferramenta fundamental para a prática historiadora. Para Joaquín Prats (2001), uma das metodologias didáticas para o ensino de História é justamente aprender a identificar fontes históricas, classificá-las, analisar sua credibilidade e, sob elas, formular hipóteses<sup>31</sup>. Logo, os docentes, ao

---

<sup>30</sup> DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do DF. **Currículo em Movimento do Distrito Federal - Ensino Fundamental: Anos Iniciais – Anos Finais**. 2. ed. Brasília, 2018.

<sup>31</sup> PRATS, Joaquín. **Enseñar Historia: Notas para una didáctica renovadora**, Edita Junta de Extremadura, Mérida, España, 2001.p. 24-25.

promoverem a análise de fontes históricas em sala de aula, estarão contribuindo para fomentar e enriquecer a prática do ensino de História.

A ideia é que, a partir das fontes, os estudantes sejam estimulados a refletir e a questionar sobre o local onde vivem. Tais fontes serão apresentadas no formato de “Pistas”, que nada mais são do que fontes históricas que dizem respeito à história de Brasília. Estabelecemos o formato de “Pistas”, pois a ideia é que os estudantes sejam estimulados a investigar, desvendar e pesquisar. Não é papel do docente entregar as informações de forma pronta e automática, mas sim, fazer com que os próprios estudantes, por meio da análise das “Pistas”, sejam levados a elaborar conhecimentos.

Para isso, sugere-se, então, a apresentação de quatro “Pistas”, ou seja, de quatro fontes históricas.

Durante a primeira etapa, a ser realizada ainda em sala de aula, sugere-se que os docentes apresentem as quatro pistas. As Pistas 1 e 2 são mapas, enquanto as Pistas 3 e 4 são fotografias. Ainda na primeira etapa, espera-se que os docentes proponham atividades de análise e comparação entre as pistas: a Pista 1 deverá ser comparada à Pista 2, enquanto a Pista 3 deverá ser comparada à 4. Em seguida, na segunda etapa, deverá ocorrer a visita ao Museu do Catetinho. Neste momento, os estudantes serão levados a visitar as salas expositivas do Museu e deverão ser instigados a localizar nos painéis expográficos as pistas que foram trabalhadas anteriormente em sala de aula. Por fim, na última etapa, sugere-se o retorno à sala de aula e a realização de atividades de reflexão e de avaliação sobre o que foi proposto nas etapas posteriores.

### **1. Primeira etapa: a preparação em sala de aula**

Além de propostas pedagógicas, as atividades extraclasse são momentos de descontração e de partilha fora da escola. Entretanto, são nítidas as dificuldades, muitas vezes, enfrentadas por docentes que se colocam sob a responsabilidade de conduzir grandes grupos de estudantes para além do ambiente escolar. Apesar dos desafios, é válido destacar que, para que a visita atinja os resultados esperados, é necessário que os estudantes sejam antecipadamente preparados em sala de aula.

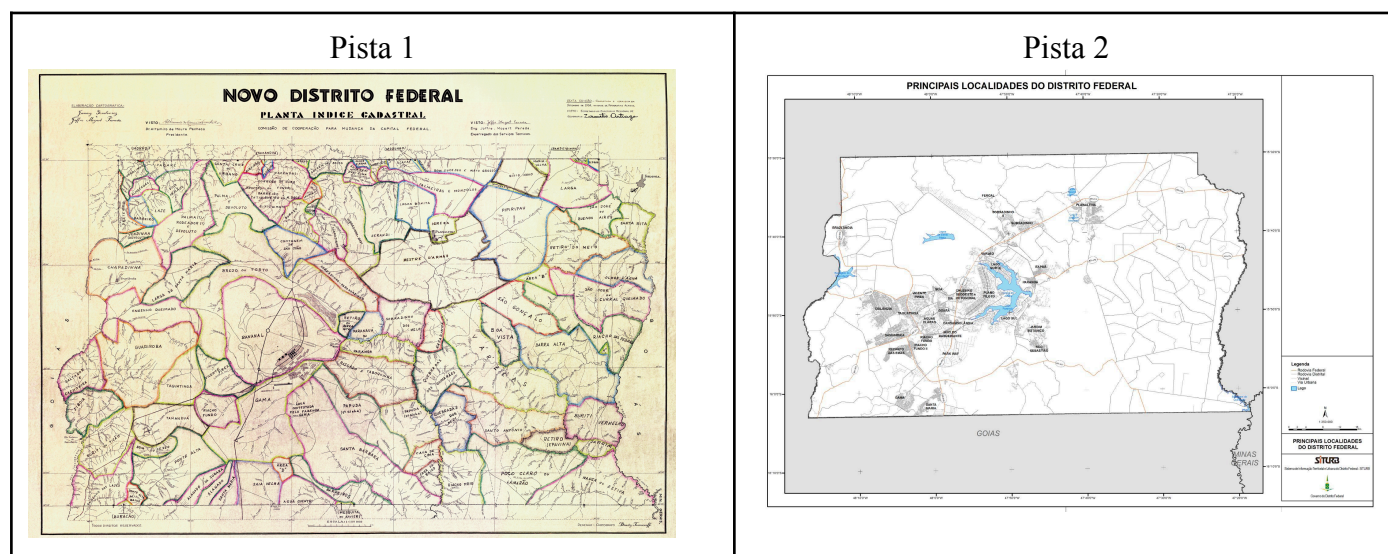
Como forma de introduzir informações básicas, cabe aos docentes a realização de questionamentos, como “com qual finalidade o Catetinho foi construído?”, “em

quanto tempo a edificação foi erguida? e “qual a origem do nome Catetinho?”. É papel dos professores proporcionar o acesso a tais informações e responder os questionamentos junto aos estudantes. Enfatiza-se isso, pois é nítido que diversos estudantes chegam aos museus sem sequer saber do que se trata o espaço. Acreditamos que a visita pode ser muito mais completa quando a turma se encontra preparada.

Após a contextualização e a introdução das informações básicas, sugere-se dar início ao trabalho com as Pistas. A ideia é que, a partir das Pistas, os estudantes sejam levados a construir saberes e a refletir sobre a futura visita, mesmo ainda em sala de aula. Os docentes podem expor os documentos no quadro, bem como podem utilizar ferramentas de audiovisual, como o *datashow*.

### A) Pistas 1 e 2

Figura 2: Pistas 1 e 2 - realização da comparação entre os dois mapas.



Fonte: Mapa do Novo Distrito Federal - Planta Índice Cadastral (1958); Coleção Documentos Goyaz.

Fonte: Acervo ArPDF; e Mapa “Principais localidades do Distrito Federal”, SEDUH.

A Pista 1 consiste no Mapa do Novo Distrito Federal - Planta Índice Cadastral (1958)<sup>32</sup> (Figura 2, pista 1), de autoria do engenheiro Joffre Mozart Parada, e que se encontra estampado em um dos painéis expositivos da primeira sala do anexo (no piso térreo) do Museu do Catetinho; e a Pista 2, que consiste no atual mapa das principais

<sup>32</sup> Elaboração cartográfica de Joffre Mozart Parada e Janusz Gerulewicz, versão setembro de 1958. Coleção Documentos Goyaz. Fonte: Acervo ArPDF.

localidades do Distrito Federal, disponibilizado pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação (SEDUH) do DF<sup>33</sup> (Figura 2, pista 2).

O Mapa do Novo Distrito Federal - Planta Índice Cadastral (1958), (Figura 2, Pista 1), contribui para desmistificar a ideia, comumente contada, de que o território demarcado para o Planalto Central era um grande vazio populacional antes da transferência da nova capital, uma vez que nele é possível identificar a demarcação das fazendas que já existiam há tempos na região.

Ao observá-lo, é possível encontrar fazendas que recebiam os nomes das atuais regiões administrativas (R.A) do Distrito Federal. Encontra-se nele, por exemplo, as fazendas “Taguatinga”, “Gama”, “Sobradinho”, “Riacho Fundo”, “Santa Maria”, “Paranoá”, entre muitas outras. Elias Manoel da Silva (2016)<sup>34</sup>, pesquisador do ArPDF, defende a capacidade do Mapa do Novo Distrito Federal em combater a noção de que o Planalto Central era um grande sertão que foi desbravado pelo Presidente Juscelino. Inclusive, a própria área da construção do Catetinho, conforme citado anteriormente, se localiza a cerca de 400m da “Fazenda Gama”, já estabelecida no Mapa.

Já o mapa das principais localidades do DF é atual e apresenta o nome e a localização das principais R.A do Distrito Federal. Nele podemos encontrar, por exemplo, as regiões administrativas “Riacho Fundo”, “Taguatinga”, “Vicente Pires”, “Gama”, “Santa Maria”, entre outras.

Dessa forma, sugere-se que os docentes proponham a comparação entre os dois mapas. Ao analisá-los, é possível perceber que o nome de algumas regiões se repetem em ambos. Sugere-se então que os estudantes sejam instigados a reconhecer semelhanças entre os dois mapas. Espera-se que os estudantes reconheçam no Mapa do Novo Distrito Federal (Figura 2, Pista 1) as fazendas que já existiam em 1958 e que, por sinal, dispunham do mesmo nome de algumas das atuais R.A do DF, como atesta o atual mapa das principais localidades do Distrito Federal (Figura 2, Pista 2).

Os estudantes podem ser divididos em duplas ou grupos. Feito isso, propõe-se a comparação entre os mapas, que pode ser instigada por meio da realização dos seguintes questionamentos: 1) “quais nomes se modificaram?”; 2) “quais nomes permaneceram?”;

---

<sup>33</sup> Mapa “Principais Localidades do Distrito Federal” disponibilizado pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação (SEDUH) do DF. Disponível em: <<https://www.seduh.df.gov.br/mapas-2/>> em “Mapa Localidades”. Acesso em: 05 fev. 2024.

<sup>34</sup> SILVA, Elias Manoel da. **O primeiro mapa do Distrito Federal no Planalto Central do Brasil – Um ilustre desconhecido**. 3º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Belo Horizonte/MG, 2016.

3) “ocorreram transformações nos limites das fazendas para a formação das Regiões Administrativas?” e 4) “é possível encontrar o nome da região onde você mora em ambos os mapas?”.

O objetivo é que os estudantes, ao analisarem as pistas (Figura 2), sejam capazes de compreender que a região do Planalto Central não era um território vazio, como se é costumeiramente levado a acreditar. É possível, inclusive, que a atividade estimule nos estudantes uma reflexão sobre os sentidos de pertencimento, uma vez que, é bem provável que muitos conheçam, por exemplo, a cidade do Gama, ou conheçam algum familiar que more no Riacho Fundo ou talvez a própria escola se localize em uma das localidades citadas.

Em um olhar ainda mais detalhado, é possível encontrar, no mesmo mapa, em sua extremidade sul, uma região chamada “Ribeirão dos Mesquita”.

Figura 3: A região que faz referência ao território da comunidade tradicional Mesquita.



Fonte: Elaboração cartográfica de Joffre Mozart Parada e Janusz Gerulewicz, versão setembro de 1958.

Coleção Documentos Goyaz. Fonte: Acervo ArPDF

A região faz referência ao território da comunidade tradicional Mesquita. Este pode ser um importante gancho para introduzir as próximas Pistas.

## **B) Pistas 3 e 4**

O Currículo em Movimento (2018) é bastante explícito quanto à importância de abordar a história do Quilombo Mesquita nas escolas. Um dos conteúdos propostos para o 4º ano do Ensino Fundamental I, na disciplina de História, é justamente a “formação dos Quilombos rurais e urbanos próximos ao DF, com ênfase aos remanescentes

quilombolas da Cidade ocidental (Quilombo Mesquita)” (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 282). Dessa maneira, nota-se que esta proposta é capaz de dialogar diretamente com os objetivos e conteúdos estabelecidos no Currículo (2018).

O Catetinho contou com a mão de obra de trabalhadores de uma região próxima ao Distrito Federal: o Quilombo Mesquita. A cerca de 50km do centro de Brasília, a comunidade se encontra na região do entorno do DF, na Cidade Ocidental.

Assim, a comunidade, que já existia há séculos antes do erguer da nova capital, atuou ativamente na construção do Catetinho. Segundo Conceição Freitas (2019)<sup>35</sup>, atraídos pela intensa movimentação dos tratores e das máquinas de construção, os quilombolas percorreram dezenas de quilômetros e se depararam com uma “clareira que acabara de ser aberta por meia dúzia de homens. Juntaram-se a eles e ergueram o Catetinho” (FREITAS, 2019, n.p)<sup>36</sup>. Para atuar na construção do Catetinho, alguns operários da empresa Fertisa<sup>37</sup>, localizada em Araxá, em Minas Gerais, haviam sido contratados. Assim, junto a eles, que já se encontravam no local, os quilombolas compuseram importante mão de obra na área da construção civil.

Os quilombolas dispunham de vasta experiência em agricultura e pecuária e, com isso, contribuíram no fornecimento de alimentos aos demais operários, em um cenário em que a produção de alimentos na região da nova capital era bastante escassa<sup>38</sup>. Segundo João Fallet (2018), em matéria para a BBC News, os quilombolas “todos os dias, enchiam carroças e carros de boi com frutas, verduras, carnes, leite e doces produzidos na comunidade para transportá-los até os canteiros de obra” (FALLET, 2018, n.p)<sup>39</sup>.

---

<sup>35</sup> FREITAS, Conceição. **Brasília, uma cidade para brancos construída pelos pretos**. Metrôpoles, Brasília, 27 out. 2019. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/materias-especiais/brasilia-uma-cidade-para-brancos-construida-pelos-pretos>>. Acesso em: 16 jan. 2024.

<sup>36</sup> Ibid., n.p.

<sup>37</sup> A empresa Fertilizantes Minas Gerais S.A. (Fertisa), localizada em Araxá, Minas Gerais, foi fundamental para a construção do Catetinho. Funcionários da Fertisa foram contratados para trabalhar na obra, os funcionários saíram de Araxá e seguiram em caravana para o Planalto Central. Também da Fertisa foram trazidos diversos materiais e equipamentos para as obras. Tais informações, dentre outras, podem ser acessadas no filme “O Palácio de Tábuas”, de cerca de 12 minutos, de produção de Guilherme França e Cristiane Portela, pelo Arquivo Público do DF, produzido em 2012. FRANÇA, G.; PORTELA, C. **O Palácio de Tábuas**. Youtube, 1 de set. de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8pDs0bBbPyY&t=611s>. Acesso em: 07 fev. 2024.

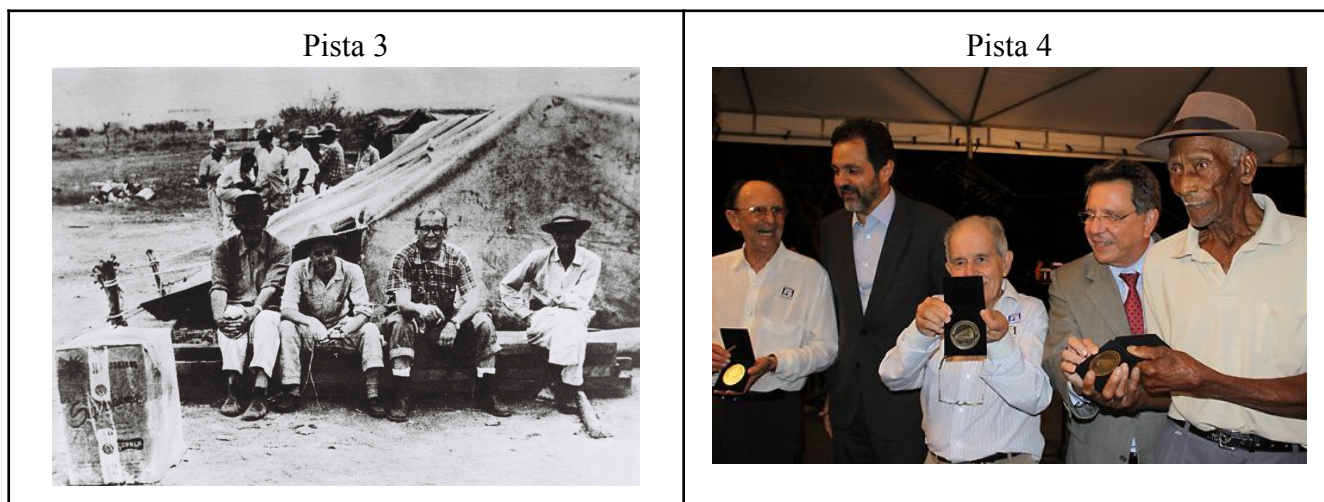
<sup>38</sup> FALLET, João. **A história do quilombo que ajudou a erguer Brasília - e teme perder terras para condomínios de luxo**. BBC News, São Paulo, 1 jul. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44570778>. Acesso em: 16 jan. 2024.

<sup>39</sup> Ibid., n.p.



Por meio da análise das Pistas 3 e 4 (Figura 4), sugere-se que os docentes dêem ênfase a uma figura de destaque: o quilombola Sinfrônio Lisboa da Costa.

Figura 4: Pistas 3 e 4 - Quilombola Sinfrônio Lisboa da Costa



Fonte: Acervo ArPDF; Drielly Jardim, Fundação Palmares, 2012.

Sinfrônio Lisboa da Costa (em destaque nas Pistas 3 e 4), foi um dos quilombolas que atuava como carpinteiro e que, aos 31 anos, ajudou a pregar as tábuas das paredes e do teto do Catetinho<sup>40</sup>. Segundo Manoel Barbosa Neres (2016), pesquisador engajado na causa dos quilombolas do Mesquita, Sinfrônio também teria estado junto ao Presidente JK durante as primeiras fases da demarcação do território onde seria construída a nova capital, bem como teria contribuído no estabelecimento das primeiras cantinas e hospedagens onde atualmente se encontram as cidades Núcleo Bandeirante e Candangolândia<sup>41</sup>.

A Pista 3 (Figura 4) consiste em uma fotografia que faz referência à construção do Catetinho e se encontra em um dos painéis expográficos do anexo do Museu. Embora a fotografia não disponha de ampla resolução, a tradição oral relata que é Sinfrônio na Pista 3, sendo o primeiro, de chapéu, na ponta, da direita para a esquerda. Já a Pista 4 (Figura 4) consiste em uma fotografia que registra a cerimônia em que Sinfrônio Lisboa da Costa (Pista 4, sendo também o primeiro, de chapéu, da direita para

<sup>40</sup> SOUZA, Daiane. Quilombola Mesquita é homenageado por participação na construção de Brasília. 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/quilombola-mesquita-e-homenageado-por-participacao-na-construcao-de-brasilia>. Acesso em: 16 jan. 2024.

<sup>41</sup> NERES, Manoel Barbosa. **Quilombo Mesquita: história, cultura e resistência**. Ocidental GO: Conquista, 2016, p. 32.



a esquerda) foi homenageado ao receber uma medalha de reconhecimento pela participação na construção de Brasília, pelo Governo do Distrito Federal (GDF), durante o mandato do governador Agnelo Queiroz, em abril de 2012<sup>42</sup>.

Dessa forma, sugere-se que os estudantes sejam instigados a relacionar as duas Pistas e a questioná-las. Assim, nesse momento, é possível realizar as cinco perguntas a seguir: 1) o que é um quilombo?, 2) “você sabiam que existe um quilombo a cerca de 50 km do centro de Brasília?”, 3) “embora JK tenha concretizado o sonho da construção da nova capital, será que foi ele quem pôs, diretamente, a “mão na massa”?”, 4) na Pista 4, quem é o senhor de chapéu? Por que ele está segurando uma medalha?, 5) “o que é possível fazer para trazer à tona e reavivar a história dos quilombolas?”.

Como norte para a resolução das questões junto à turma, sugere-se aos docentes a utilização de dois materiais de apoio.

Figura 5: Materiais de apoio para debater as Pistas 4 e 5.



Fonte: Os Mesquita, de Cristiane Portela; e reportagem de Daiane Souza, Fundação Palmares.

O primeiro, é o filme “Os Mesquita”<sup>43</sup> (Figura 5, primeira imagem), de 21 minutos, produzido por Cristiane Portela e disponibilizado em 2020 no canal “Outras Brasília”, no *Youtube*. O filme trata sobre a formação do Mesquita e a sua importância na construção de Brasília, bem como aborda questões culturais e étnicas da comunidade. O segundo é a reportagem de Daiane Souza, “Quilombola Mesquita é

<sup>42</sup>SOUZA, Daiane. Quilombola Mesquita é homenageado por participação na construção de Brasília. 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/quilombola-mesquita-e-homenageado-por-participacao-na-construcao-de-brasil-ia>. Acesso em: 16 jan. 2024.

<sup>43</sup> PORTELA, Cristiane. Os Mesquita. Youtube, 29 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jHmgKkZvqNA>. Acesso em 05 fev. 2024.

homenageado por participação na construção de Brasília”<sup>44</sup> (Figura 5, segunda imagem), publicada no *site* da Fundação Palmares, em 2012.

Ambos os materiais (Figura 5) são capazes de fornecer elementos para que os estudantes respondam às questões, bem como são capazes de levá-los a levantar problemáticas a respeito da exclusão e do apagamento do Mesquita da “história oficial”. Espera-se que os estudantes compreendam que para além da participação do panteão de homens brancos da diretoria da Novacap, o Catetinho também contou com a intensa atuação de outras identidades, como é o caso do Quilombo Mesquita.

Tendo como base o trabalho com as “Pistas” em sala de aula, torna-se relevante que os estudantes façam anotações sobre as informações que obtiveram e que sejam encorajados a estar com tais anotações em mãos no dia da visita ao Museu. Sugere-se, inclusive, que levem, se possível, materiais como, papel e lápis, para que possam fazer outras anotações pertinentes durante a visita. O uso de aparelhos tecnológicos, como celulares e máquinas fotográficas também pode ser recomendado com a finalidade de produzir registros fotográficos e filmicos sobre o Museu.

## **2. Segunda etapa: a visita ao Museu**

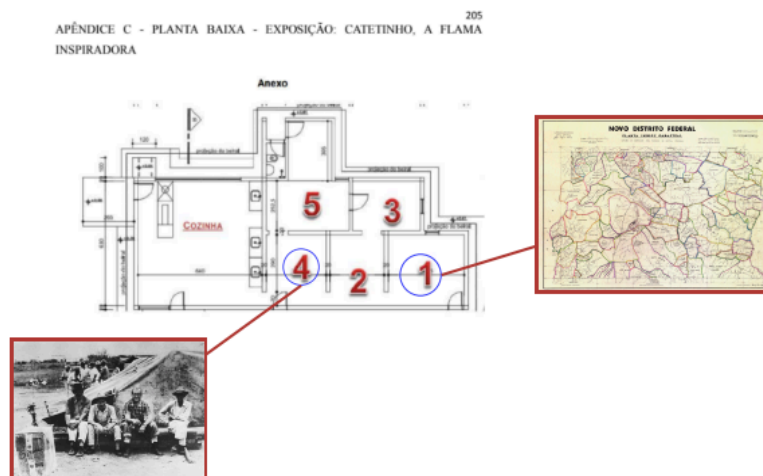
Neste momento, é possível estar se perguntando “de que serve a visita ao Museu se os conhecimentos já foram alcançados em sala de aula?”. Entretanto, é necessário enfatizar que embora a preparação em sala de aula já seja capaz de produzir conhecimentos, a experiência apenas se inicia na escola, mas é incrementada durante a visita ao Museu. É necessário que os estudantes percebam a conexão entre a visita ao Museu e as atividades realizadas durante a preparação.

Nota-se então que as próprias fontes históricas, que chamamos de “Pistas”, utilizadas durante a preparação, podem ser encontradas nos painéis expográficos do Museu. Sendo assim, sugere-se que durante a visita, os professores estimulem nos estudantes a capacidade de observação, atenção e análise, a fim de que consigam associar o que aprenderam em sala de aula com o que é possível encontrar no Museu. A fim de que as Pistas possam ser encontradas, sugere-se que durante a visita os docentes dêem ênfase, especificamente, a duas salas do anexo do Museu (no térreo).

---

<sup>44</sup> SOUZA, op.cit., n.p.

Figura 6: Ordem das salas a serem percorridas e Pistas a serem encontradas



Fonte: Esquema elaborado por Leticia Pena, 2024<sup>45</sup>.

Não se pretende ignorar os demais espaços. Tanto as demais salas expositivas do anexo, quanto do piso superior dispõem de importância e devem ser visitadas pelos estudantes. Entretanto, para fazer conexão com as Pistas trabalhadas em sala de aula, enfatiza-se as Salas “1” e “4”, conforme atesta a Figura 6. A denominação, e a ordem das salas é baseada nas nomenclaturas utilizadas na exposição “Catetinho: a flama inspiradora”.

A fim de facilitar o trabalho docente, espera-se que a Figura 6 atue como uma espécie de roteiro e que seja capaz de orientar os docentes quanto à ordem das salas a serem percorridas no anexo do Museu.

Nos painéis das salas numeradas em “1” e “4” (conforme Figura 6) será possível encontrar as Pistas trabalhadas em sala de aula: a Pista 1, o Mapa do Novo Distrito Federal - Planta Índice Cadastral (1958) e a Pista 3, que apresenta o Quilombo Mesquita na Construção do Catetinho com ênfase na figura de Sinfrônio Lisboa da Costa.

Este é, então, o momento de complementar as aprendizagens:

<sup>45</sup> Informa-se que a planta com seus espaços numerados de 1 a 5 foi retirada da obra **Noite estrelada no Palácio de Tábuas: vivências e partilhas com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Museu do Catetinho**, Relatório Técnico (Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio), de Artani Pedrosa. A planta se encontra na página 282. A inserção das imagens e dos demais elementos trata-se, portanto, de uma adaptação.

Figura 7: Pannel da Sala “1” - Mapa do Novo Distrito Federal



Fonte: Letícia Pena, 2024

Na Sala “1”, ao observar de perto do Mapa do Novo Distrito Federal, é possível, por exemplo, é possível abordar a Missão Cruls e destacar que a própria ideia da transferência da capital, costumeiramente atribuída a JK, pode ser revisitada<sup>46</sup>. É importante que os estudantes sejam levados a compreender que embora a transferência da capital tenha ocorrido durante o governo do Presidente JK, a ideia da construção de Brasília não foi originalmente dele. Ao revisar a cronologia dos acontecimentos que antecedem o erguer da nova capital, é possível perceber que a ideia é antiga, tendo indícios, inclusive, a partir do século XIX.

Desde 1810 é possível perceber indícios de propostas que, por questões estratégicas, já defendiam a mudança da sede do governo para o interior do Brasil. Já em 1823, ano da Constituição do Império, José Bonifácio propôs a mudança da capital e, inclusive sugeriu “Brasília” como o nome da nova cidade. Mais registros podem ser encontrados a partir de 1891, quando a primeira Constituição da República já estabeleceu a demarcação da área para a construção da nova capital do Brasil<sup>47</sup>.

A partir de 1892 é possível fixar dados da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, mais conhecida como Missão Cruls<sup>48</sup>. A Missão, composta por 21 pessoas, foi chefiada por Louis Cruls e foi responsável pela demarcação do chamado

<sup>46</sup> PONTUAL, Helena D. **Do quadrilátero Cruls ao patrimônio histórico e cultural da humanidade**. Secretaria Especial de Comunicação Social do Senado Federal. Agência Senado.

<sup>47</sup> Todos os dados sobre a cronologia de acontecimentos que precederam a construção da nova capital foram retirados do artigo “Do quadrilátero Cruls ao patrimônio histórico e cultural da humanidade”, da página do Senado Federal/Agência Senado.

<sup>48</sup> PONTUAL, op.cit., n.p.

“Quadrilátero Cruls”, uma área de 14.400 km<sup>2</sup> que foi considerada ideal para o erguer da nova capital<sup>49</sup>. As áreas e o formato do Quadrilátero podem ser percebidos no Mapa do Novo Distrito Federal e as fazendas demarcadas se encontram justamente inseridas no quadrilátero.

Em sequência, também é possível complementar as aprendizagens na Sala “4”.

Figura 8: Painel da Sala “4” - Quilombo Mesquita



Fonte: Letícia Pena, 2024

Neste momento, ao localizar nos painéis mais uma Pista analisada anteriormente em sala de aula (Figura 4, Pista 3), é possível trazer mais detalhes sobre o Quilombo Mesquita ao abordar, por exemplo, a origem da comunidade.

A história da formação do Quilombo se encontra vinculada à região que atualmente é chamada de Luziânia, antiga Vila de Santa Luzia<sup>50</sup>. Com 277 anos de existência, uma versão da história sobre o Quilombo remonta ao século XVIII, quando a Vila de Santa Luzia foi palco de intensa migração de portugueses devido ao apogeu do ciclo do ouro no Brasil<sup>51</sup>. Ao fim do apogeu, houve a redução do fluxo migratório e muitos abandonaram seus territórios, como foi o caso, por exemplo, do sargento-mor José Correa de Mesquita. Paulo Bertran (2011), que também critica a invisibilização e o apagamento de sujeitos históricos na região do Planalto Central, afirma que o nome “Mesquita”, atribuído ao ribeirão e à fazenda, faz justamente referência ao sargento<sup>52</sup>.

<sup>49</sup> Ibid., p. 1-384.

<sup>50</sup> SANTOS, Suely. **Comunidade quilombola de Mesquita**. Coleção Terras de Quilombo, baseado no Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) da Comunidade Quilombola de Mesquita, FAFICH, Belo Horizonte, 2015.

<sup>51</sup> Ibid., p. 1-6.

<sup>52</sup> BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no planalto central: eco-história do Distrito Federal: do indígena ao colonizador**. Brasília: UnB, 2011, p. 112.

As terras abandonadas por ele teriam sido habitadas por uma comunidade negra, dando, assim, origem ao Quilombo<sup>53</sup>.

Já os relatos orais da comunidade afirmam que, com a decadência da mineração na região de Santa Luzia, José Correa de Mesquita teria doado seu território a três mulheres que eram escravizadas por ele, as quais teriam tomado para si o comando das terras, mas preservado o nome “Mesquita”<sup>54</sup>. Segundo Manoel Barbosa Neres (2016)<sup>55</sup>, seriam elas “Maria Abadia, Maria Pereira Dutra e Martinha Pereira Braga” (NERES, 2016, p. 32).

É possível, neste momento, também explorar os entraves e contradições que circundam o Mesquita nos dias atuais. Apesar da intensa contribuição da comunidade na construção do Catetinho e, de forma mais ampla, na construção de Brasília, o Quilombo é recorrentemente excluído da “história oficial” sobre o espaço e enfrenta, atualmente, diversas problemáticas no que diz respeito à especulação imobiliária, à expansão urbana e ao desmatamento<sup>56</sup>. Há diversas lutas pela manutenção do território e pela preservação da diversidade, o que torna o Mesquita um território de conflitos.

### **Terceira etapa: o retorno à sala de aula**

De volta ao ambiente escolar, sugere-se aos professores e professoras a produção de atividades avaliativas. Recomenda-se, por exemplo, atividades voltadas à produção textual e artística, como, por exemplo, a confecção de cartazes, pinturas, poesias, jogos e histórias em quadrinho.

Outra sugestão é incentivar que os estudantes pesquisem mais a fundo sobre a história dos personagens que foram enfatizados durante a visita e que produzam fichas biográficas, por exemplo, sobre Sr. Sinfrônio. Outra possibilidade é sugerir que os estudantes investiguem informações sobre a região administrativa onde moram e tentem estabelecer relações entre ela e o Mapa do Novo Distrito Federal.

---

<sup>53</sup> BRAGA, André Garcia; MARTINS. **Lauda antropológico**: Comunidade Quilombola de Mesquita. In: INCRA. RTID - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação. Brasília: INCRA, 2011. p. 1-182.

<sup>54</sup> SANTOS, op.cit., p. 4-5.

<sup>55</sup> NERES, Manoel Barbosa. **Quilombo Mesquita**: história, cultura e resistência. Ocidental GO: Conquista, 2016, p. 32.

<sup>56</sup> Ibid., p. 74-80

Defende-se então que a experiência se perpetue na aula seguinte à visita. Do mesmo modo em que foram preparados para a visita, os estudantes devem retornar à sala de aula trazendo contribuições, dúvidas e comentários. Para isso, sugere-se ao docente a realização de questionamentos, como “qual espaço do Museu mais chamou a sua atenção?”, “o que você acredita que deu certo durante a visita? E o que deu errado?”, “você recomendaria a visita ao Museu do Catetinho a um amigo?”.

Ademais, os estudantes devem trazer para a sala de aula as anotações que tenham feito durante a visita. Tais anotações podem ser compartilhadas, bem como podem ser expostas em um mural. Caso os estudantes tenham feito registros por meio de fotografias, é válido estimular que compartilhem com a turma, propondo a impressão das fotos e fazendo com que também se tornem fontes históricas.

Percebe-se que são amplas as possibilidades de avaliação em sala de aula. Por isso, não se pretende com este artigo engessar o trabalho docente, mas sim ampliar os mecanismos de avaliação que tenham como foco principal a aprendizagem histórica.

### **Considerações finais**

Embora desafiador, produzir narrativas plurais que vão além da “história oficial” é urgente. Uma vez que a memória é um importante instrumento de poder, pensar que há memórias tidas como mais importantes do que outras é também pensar em um jogo de conflitos e batalhas. Quais memórias vale a pena preservar? Quais memórias estão sendo apagadas? Este é um cenário delicado, mas necessário de ser examinado a fundo.

Tendo como base a história do Museu do Catetinho, buscou-se neste artigo dar voz à identidades secundarizadas e trazê-las à tona como fundamentais, porque de fato são. Buscou-se também desconstruir alguns “mitos” que circundam o erguer da nova capital. Afinal, tratar sobre a história do Catetinho é também tratar sobre a história da construção de Brasília, uma vez que ambas se encontram intimamente entrelaçadas. Desconstruir narrativas hegemônicas que se encontram presentes na historiografia oficial sobre o Catetinho é também, pelo menos em parte, repensar a “história oficial” que diz respeito à Brasília.

Assim, este artigo é uma potente ferramenta para a prática de ensino de História Local, uma vez que, por meio da análise das fontes históricas, estimula nos estudantes a capacidade de problematização e de reflexão sobre a cidade em que vivem.

A proposta é orientar professores e professoras a utilizarem o Museu do Catetinho para o ensino de História frente à tentativa de combater as perspectivas hegemônicas que permeiam a história do espaço. É fundamental levar os estudantes a questionar as narrativas lineares e a exclusão de determinadas identidades da história que é tradicionalmente contada sobre Brasília.

A ideia não é negar a importância de Juscelino Kubistchek e das personalidades ligadas a ele, mas sim, promover a inclusão de narrativas mais plurais na historiografia sobre o Catetinho.



**Referências Bibliográficas:**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no planalto central: eco-história do Distrito Federal: do indígena ao colonizador**. Brasília: UnB, 2011.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRAGA, André Garcia; MARTINS. **Laudo antropológico: Comunidade Quilombola de Mesquita**. In: INCRA. RTID - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação. Brasília: INCRA, 2011.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do DF. **Currículo em Movimento do Distrito Federal - Ensino Fundamental: Anos Iniciais – Anos Finais**. 2. ed. Brasília, 2018.

FALLET, João. **A história do quilombo que ajudou a erguer Brasília - e teme perder terras para condomínios de luxo**. BBC News, São Paulo, 1 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44570778>>. Acesso em: 16 jan. 2024.

FRANÇA, G.; PORTELA, C. **O Palácio de Tábuas**. Youtube, 1 de set. de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8pDs0bBbPyY&t=611s>. Acesso em: 07 fev. 2024.

FREITAS, Conceição. **Brasília, uma cidade para brancos construída pelos pretos**. Metrópoles, Brasília, 27 out. 2019. Disponível em: <<https://www.metrosoles.com/materias-especiais/brasil-uma-cidade-para-brancos-construida-pelos-pretos>>. Acesso em: 16 jan. 2024.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Museu do Catetinho**, 2022. Disponível em: <<https://www.df.gov.br/museu-do-catetinho-2/>>. Acesso em: 04 jan. 2024.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, 6 vols**. Edição de Carlos Nelson Coutinho, com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999-2002.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário do Catetinho**, volume 1. Relatórios. Brasília, 2017.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

MACEDO, Helder. **De como se constrói uma História Local: aspectos da produção e da utilização no ensino de História.** In: ALVEAL, C.; FAGUNDES, J.; ROCHA, R. Reflexões sobre história local e produção de material didático. Natal: EDUFRN, 2017.

Martins Afonso, M.; Primon Serres, J. **Casa-museu, Museu-casa, Casa histórica: um lugar de memórias.** In Revista Semestral, 2016.

NERES, Manoel Barbosa. **Quilombo Mesquita: história, cultura e resistência.** Ocidental GO: Conquista, 2016.

PEDROSA, Artani. **Catetinho: a flama inspiradora.** Programa de Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, Universidade Estadual de Goiás (UEG). Goiás, 2023.

PEDROSA, Artani. **Noite estrelada no Palácio de Tábuas: vivências e partilhas com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Museu do Catetinho, Relatório Técnico (Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2023.**

PONTUAL, Helena D. **Do quadrilátero Cruls ao patrimônio histórico e cultural da humanidade.** Secretaria Especial de Comunicação Social do Senado Federal. Agência Senado.

PRATS, Joaquín. **Enseñar Historia: Notas para una didáctica renovadora,** Edita Junta de Extremadura, Mérida, España, 2001.

SANTOS, Suely. **Comunidade quilombola de Mesquita.** Coleção Terras de Quilombo, baseado no Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) da Comunidade Quilombola de Mesquita, FAFICH, Belo Horizonte, 2015.

SILVA, Elias Manoel da. **O primeiro mapa do Distrito Federal no Planalto Central do Brasil – Um ilustre desconhecido.** 3º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Belo Horizonte/MG, 2016.

SILVA, G.; PACHECO, R. **O uso do museu no ensino escolar de História.** Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v.7, n.1, 2021. Sinfonia da Alvorada. In: Museu Virtual Brasília, s.d. Disponível em: <[http://www.museuvirtualbrasil.com.br/museu\\_brasilia/modules/news3/article.php?storyid=24](http://www.museuvirtualbrasil.com.br/museu_brasilia/modules/news3/article.php?storyid=24)> . Acesso em: 16 jan. 2024.

SOUZA, Daiane. **Quilombola Mesquita é homenageado por participação na construção de Brasília.** 2012. Disponível em: <<https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/quilombola-mesquita-e-homenageado-por-participacao-na-construcao-de-brasilia>>. Acesso em: 16 jan. 2024.